



Diretor da EPGE, da FGV, Rubens Penha Cysne fala sobre a proposta de ensino

THIAGO LOPES
thiago.souza@folhadirigida.com.br

Tradição, atração de talentos, corpo docente altamente qualificado, estímulo à pesquisa e formação ampla. Estes são os segredos que, segundo Rubens Penha Cysne, diretor da Escola Brasileira de Economia e Finanças (EPGE) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), levaram a instituição, mais uma vez, aos primeiros lugares no Índice Geral de Cursos (IGC), indicador de do Ministério da Educação (MEC) referente à qualidade das faculdades, centros universitários e universidades brasileiras.

Na última avaliação, a EPGE obteve o melhor resultado do estado do Rio de Janeiro e o segundo melhor do país. A melhor foi a a Escola de Economia de São Paulo (EESP). A terceira colocada também integra a FGV: trata-se da Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas (Ebape).

A EPGE, há anos, se destaca no ranking do IGC. Porsinal, o resultado de 2013 nem é o melhor no histórico recente da instituição. Nos últimos cinco anos, ela alcançou o melhor desempenho do país três vezes (2011, 2010 e 2009) e o segundo lugar nacional e primeiro estadual em 2012 e 2013.

“Uma coisa importante é saber se a ordem se mantém em outras avaliações. Felizmente, nesse caso, sim. Se pegarmos o Índice Internacional de Tilburg, com todos os departamentos de economia do mundo, a EPGE figura em primeiro lugar na América Latina. A mensuração é bem diferente do IGC. Analisam, por exemplo, a capacidade de contribuir com novas ideias na área da economia ao redor do mundo, ao passo que o IGC é centrado na graduação, mestrado profissional e acadêmico e doutorado. São coisas distintas, mas que permitem dizer que há certa robustez nos resultados, ainda que nenhum índice seja perfeito”, comentou Rubens Penha Cysne.

FOLHA DIRIGIDA — MAIS UMA VEZ, A EPGE FOI A INSTITUIÇÃO DO ESTADO DO RIO COM MAIOR IGC. O QUE FOI FUNDAMENTAL PARA MAIS UM BOM RESULTADO?
Rubens Penha Cysne — Existe um processo histórico. A EPGE foi fundada há 53 anos e logo depois os professores da instituição desenvolveram as contas nacionais e os índices de preços e inflação. Portanto, eram profissionais muito experientes e contribuíram demais para o Brasil. Além da tradição, mais de 50 anos de desenvolvimento institucional, porque não se faz sucesso da noite para o dia, há uma disposição no sentido de atração de talentos. Temos um elevado número de bolsas para os primeiros lugares no vestibular e para alunos que não foram tão bem, mas se destacam posteriormente.

RANKING | Escola Brasileira de Economia e Finanças (EPGE) foi também a segunda melhor no país

O diferencial da melhor do Rio no IGC



Para Rubens Penha Cysne, diretor da EPGE, nas universidades, é preciso criar meios de valorizar os docentes que apresentam maior grau de dedicação

A escola, como um todo, é altamente deficitária, é sustentada por transferências da FGV. Nosso objetivo é atrair os melhores alunos, que muitas vezes não podem pagar, então damos esse incentivo. Um terceiro fator é o incentivo à pesquisa e a internacionalização da EPGE. Ou seja, incentivamos nossos professores e alunos a fazerem publicações em revistas de primeira linha do exterior. Assim, estão sempre na fronteira do conhecimento científico. Ao invés de aprender coisas desenvolvidas há 30 anos, como acontece em lugares onde não há pesquisa, aprendem o que existe de mais novo e atual. O quarto e último fator é buscar sempre os melhores, seja no corpo discente ou docente. Ninguém entra aqui por ser apadrinhado.

EM LINHAS GERAIS, QUAL É A DIRETRIZ DE FORMAÇÃO DA EPGE? COMO É O TRABALHO COM OS ALUNOS?

Na graduação, temos uma diretriz bem ampla. Diria até renascentista e humanista, pois os alunos estudam não só componentes de matemática, estatística, macroeconomia e microeconomia, por exemplo, mas também história, filosofia e sociologia. Hoje em dia é difícil, pois as escolas se concentram em especializações. Se for para determinada instituição, verá derivativos do mercado financeiro, em outra apenas política econômica. A ideia aqui é que a graduação seja um estudo geral. Também nos caracterizamos por métodos científicos escritos. Ou seja, você tem um determinado fenômeno e pressupõe que os indivíduos tenham determinada racionalidade econômica. Com base nisso, chega a previsões e testa se os fatos as amparam ou não. A partir daí renova ou confirma as hipóteses. Tudo isso sempre com métodos avançados que estão nas fronteiras do conhecimento.

EM RELAÇÃO AO CORPO DOCENTE, O QUE O SENHOR PODERIA FALAR DE SUA COMPOSIÇÃO?

Nosso corpo docente é composto basicamente por doutores. Há também alguns especialistas, pois nos programas de mestrado profissional precisamos de gente do mercado, não só acadêmicos. Porém, a principal característica, principalmente entre aqueles que ficam em tempo integral, seja no mestrado, doutorado ou graduação, é a pesquisa. Para serem professores, supõe-se que estejam pesquisando durante boa parte de seus tempos. Isso possibilita que estejam na ponta do conhecimento. O aluno que vem para cá aprenderá coisas que só chegarão às instituições sem pesquisa daqui a 10 ou 15 anos. Portanto, nossos estudantes têm uma grande vantagem, até porque participam das pesquisas. Temos discentes publicando nas mais respeitadas revistas internacionais de economia. Aqui todos são instados a praticar pesquisa, publicação e conhecimento de ponta.

A EPGE JÁ FORMOU QUADROS IMPORTANTES PARA O PAÍS. O SENHOR PODERIA CITAR ALGUNS DOS MAIS CONHECIDOS?

Para começar, o atual ministro da Fazenda Joaquim Levy, que está com a responsabilidade de fazer uma política bem forte, foi nosso aluno da turma de 1986. Mário Henrique Simonsen, Eugênio Gudin e Otávio Gouveia de Bulhões, são ex-ministros da Fazenda que nós formamos. Dorothea Werneck, ex-ministra do Trabalho e ex-ministra da Indústria e do Comércio; João Paulo dos Reis Velloso, ex-ministro do Planejamento; e Carlos Hamilton, atual diretor do Banco Central; além de outros nomes importantes no BC, como Antônio Carlos Lemgruber, Roberto Castelo Branco, José Júlio Senna; também passaram pela EPGE. Estas são apenas algumas figuras que contribuíram para a política econômica no Brasil. A escola tinha muita participação nessa área, mas partir dos anos 90 passou a focar mais na formação científica e acadêmica dos alunos e a política econômica passou

para outro organismo da FGV, o Instituto Brasileiro de Economia (Ibre). Estamos esperançosos que as ideias que o Joaquim Levy aprendeu aqui sejam colocadas em prática, com austeridade fiscal e uma política que faça sentido no longo prazo.

O SENHOR CONSIDERA O IGC COMO UM INDICADOR CAPAZ DE ATESTAR A QUALIDADE DO ENSINO DE UMA INSTITUIÇÃO?

Nenhum critério é perfeito. A diferença de pontuação na classificação de primeiro, segundo ou terceiro lugar está nas casas decimais. Portanto, é uma linha muito tênue. Diria que as avaliações feitas pelo MEC têm gerado, principalmente nos cursos mais novos e sem muita tradição, uma melhora bem grande. Na medida que a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) começa a avaliar os cursos com base em pesquisa, as faculdades e universidades dão maior importância na contratação de pesquisadores, o que é extremamente positivo para o país. Ainda assim, diria que o IGC pode ser melhorado, apesar de ter gerado progressos na avaliação, principalmente dos centros mais incipientes. Não falo isso apenas com base em achismos, mas sim por apontar resultados semelhantes ao de outros índices. No nosso caso, comparamos o IGC com o Índice de Tilburg e vemos que está coerente. Na parte da empregabilidade, não temos nenhum aluno que chega ao segundo ano sem ser assediado pelas empresas. Isso, inclusive, gera dificuldade para termos estagiários. Outro parâmetro que podemos considerar é a contribuição para a política econômica do Brasil, com todos os nomes que já citei. Portanto, ele traduz uma excelência que também aparece quando olhamos outros fatores. Nesse sentido, o IGC é um bom índice.

NA SUA VISÃO, QUAL CRITÉRIO DE ELABORAÇÃO DO IGC PODERIA SER APERFEIÇOADO?

Há um ponto que dificulta, que é a avaliação da graduação se basear no Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade). Essa nota não consta no currículo dos estudantes que participam da prova. Se

“Nosso corpo docente é composto basicamente por doutores. Há também alguns especialistas, pois nos programas de mestrado profissional precisamos de gente do mercado, não só acadêmicos. Porém, a principal característica, principalmente entre aqueles que ficam em tempo integral, seja no mestrado, doutorado ou graduação, é a pesquisa. Para serem professores, supõe-se que estejam pesquisando durante boa parte de seus tempos. Isso possibilita que estejam na ponta do conhecimento. O aluno que vem para cá aprenderá coisas que só chegarão às instituições sem pesquisa daqui a 10 ou 15 anos.”

o aluno vai muito mal ou não analisa as questões com maior pertinência, isso não faz diferença para ele, mas faz para a instituição de ensino. Então, deve ser discutida a possibilidade de o Enade fazer parte da vida escolar do aluno. A princípio, pelo que tenho analisado, poderia ser uma vantagem, porque colocaria o esforço do aluno mais observável. Título de melhora, que parece interessante e bem defensável sob o ponto de vista do aperfeiçoamento, é a utilização da nota na parte discente, mas precisa ser discutido, porque evidentemente existem pontos contrários que devem ser levados em consideração.

COMO O SENHOR AVALIA O ANO DE 2014 PARA A EDUCAÇÃO BRASILEIRA? FOI POSSÍVEL CONSTATAR PROGRESSOS CONSIDERÁVEIS OU O AVANÇO FOI POUCO SIGNIFICATIVO?

A educação brasileira deve ser avaliada de forma criteriosa em cima do gasto per capita do aluno universitário em comparação com quem está no ensino fundamental e médio. As estatísticas mostram que os gastos no ensino superior costuma ser, na média dos países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), algo em torno de duas vezes maior, enquanto no Brasil é cinco vezes maior. Sabemos que educação fundamental e de nível médio são importantíssimas, principalmente a infantil, entre 0 e 3 anos. Diria que precisamos avaliar com muita determinação esse fato: será que estamos dando a atenção devida aos mais jovens? Será que os números mostram que gastamos pouco? E não basta olhar o investimento, mas também os resultados. Ao pegarmos os exames internacionais, fica claro que ainda há muito para ser feito.

E, NA SUA OPINIÃO, QUAL É A RESPOSTA PARA ESTES QUESTIONAMENTOS QUE O SENHOR ACABOU DE COLOCAR?

Isso acontece pela falta de uma escola social que reflita o efetivo retorno dos recursos. Aparentemente, ao colocar R\$1 na educação média fundamental, o retorno para o país é maior do que se investirmos no ensino superior. Quando isso acontece na economia, passamos os recursos para o que dá maior retorno. E na educação não fazemos isso porque existem forças políticas que direcionam os recursos para caminhos já estabelecidos. Há uma grande dificuldade de quebrar a inércia em nosso país. É um ponto que necessita de profunda discussão e mobilização. Só assim poderemos atingir um equilíbrio na distribuição dos recursos e aumentar o investimento onde há maior retorno social.

NA SUA OPINIÃO, QUAIS OS PRINCIPAIS PROBLEMAS DO ENSINO SUPERIOR BRASILEIRO E COMO PODEM SER SOLUCIONADOS?

Vejo que existem ilhas de excelência. Algumas instituições não devem nada para as do hemisfério norte, algumas até ultrapassam a média de países desenvolvidos. No ensino público, a questão não é só o montante investido, mas sim estabelecer alguns critérios. Podemos pensar, por exemplo, em melhores remunerações para os docentes mais dedicados. Se todos ganham a mesma coisa, independente do que fazem, não existe incentivo. Portanto, vejo uma necessidade de criar sistemas de incentivo gerenciais. No ensino privado, é preciso ficar atento para ver se as faculdades e universidades estão compatíveis com a seriedade do setor que operam, porque educação não é brincadeira.

Educação em Debate

Apresentação e Direção Geral de ARNALDO NISKIER, membro da Academia Brasileira de Letras, foi Secretário de Estado de Educação do Rio de Janeiro e é Presidente do CIEE-Rio. Convidados especiais discutem as principais questões da educação brasileira.

NESTA QUINTA, 08/01/2015, às 21h30min

Especial Maratona Escolar

Homenageado: Escritor e Acadêmico Moacyr Scliar

Horários

Quinta	Sexta	Domingo	Segunda	Terça	Quarta
21h30min	16 horas	13h30min	15h30min	23 horas	00 hora

PRÓXIMA QUINTA, DIA 15/01/2015:

Beatriz Cintra Martins - Jornalista e Pesquisadora

Programa EDUCAÇÃO EM DEBATE

TV Universitária - Canal 11 da Net Rio

Toda quinta-feira, às 21h30min e durante a semana em horários alternativos

AUTÊNTICO 19 ANOS

Bolsão Progressão 2015

Bolsas de até 100%

Turmas militares participantes: EsSA, EsSEx, EsPCEx, EFOMM, EAM, Fuzileiro Naval, Colégio Naval, CAP, AFA, EPCAr, EAGS e EEAR.

WWW.CURSOPROGRESSAO.COM.BR

CAXIAS 2674-9599 • N. IGUAÇU 2667-1392
ILHA DO GOVERNADOR 2467-2512
PIABETÁ 2659-7774 • MARECHAL 2489-6914

CURSO PROGRESSÃO PREPARATÓRIO PARA CONCURSOS

CONCURSOS PÚBLICOS / PRÉ-MILITAR / PRÉ-VESTIBULAR / ESCOLAS TÉCNICAS / CURSOS TÉCNICOS